

O vírus, o verme e a peste

por Liliane Guimarães, Marcia Daher, Maria Carolina Accioly, Nanci de Oliveira Lima, Rosangela Gouveia¹

Em 2014, no texto apresentado no *Entretantos* de então, o GTEP definia como características de seu trabalho: "o grupal, a circulação em diversas posições, uma abertura ao fora, a pluralidade, o deslocamento no espaço e a criação de espaços de escuta e de fala sobre a clínica e a teoria psicanalíticas"; consideramos que tais colocações seguem nos definindo. Algumas das questões que atravessavam nosso trabalho naquele momento e que permanecem são: que efeito singular o deslocamento para os territórios produz no trabalho que realizamos? Que marcas deixamos nas localidades e essas em nós? E, ainda, como manter entre nós e nas localidades um diálogo vivo da psicanálise com o mundo?

Enfatizamos que o percurso de formação é um fazer que coloca em pauta não apenas a transmissão de uma teoria, mas sim de uma experiência, onde está implicada a transferência e o encontro com o inconsciente. O lugar da *alteridade* como constituinte do corpo pulsional e do inconsciente e o *descentramento* do sujeito são eixos do pensar e do ofício dos psicanalistas. A particularidade do GTEP seria isso tudo em movimento, nesse trânsito por diferentes localidades, fora do nosso enquadre "familiar" (ou conhecido), construindo diferentes arranjos e parcerias a cada vez.

Refletir sobre a formação do analista - seja ela em que formato for, *online* ou presencial - nos convoca a pensar indubitavelmente em como se dá a transmissão da psicanálise. Regina Schnaiderman², na Percurso número 1, nos provoca, lembrando que ensinar psicanálise é um ato analítico e um projeto de desalienação. Desalienação inclusive do discurso que se tem sobre o saber psicanalítico, pois o que se ensina é um modelo metodológico que subordina todo e qualquer saber a uma interrogação.

Além disso, sabemos que Inconsciente e Consciente operam por linguagens e princípios diferentes, e consideramos que uma transmissão só acontece quando um fio condutor entrelaça processo primário e secundário, metapsicologia rigorosa e espaço para livre associação, sustentação conceitual histórica e questionamento crítico.

Esta peculiaridade exige do analista que se ocupa deste ofício, que esteja em constante trabalho para encontrar em sua singularidade elementos que construam meios de transmitir conceitos do mundo teórico e, ao mesmo tempo, traga notícias de um mundo nebuloso e enigmático como o inconsciente.

Como é sabido, o GTEP conduz percursos de formação em diversas localidades pelo Brasil desde 1989, imbuído do desejo de transmissão e de intercâmbio com territórios estrangeiros.

Quase dez anos depois do primeiro *Entretantos*, aqui no *Entretantos - Cá entre Nós*, buscaremos refletir sobre os impactos que a pandemia produziu nesses desejos - de transmissão e de intercâmbio.

Vivíamos, naquele momento, assolados por um governo neofascista e um vírus que nos colocou em apreensão e suspensão física e subjetiva. Seguimos ainda hoje tentando recolher e manejar os “estragos” e transformações, atravessados por lutos e questionamentos ético-políticos. Sabemos que a psicanálise, sua prática e sua transmissão, são produto e também produtores da cultura, das tensões e transformações às quais estamos submetidos. Portanto, não podemos supor que passaríamos ilesos.

Que impactos foram esses? De que maneira a situação de imobilidade da pandemia nos afetou?

Por que, afinal, levamos tão a sério a importância de nos deslocarmos até o território no qual conduziremos percursos de formação? Talvez, justamente, por compreendermos que nossa relação com estes grupos pressupõe um movimento e um deslocamento, um antes e um depois, um encontro que por si é sempre inédito, a partir desse lugar estrangeiro.

Nomeamos nosso trabalho como *percurso*, como um trecho do caminho, uma vez que entendemos a formação como permanente. Caminho este, atravessado por realidades ímpares, em geral, bastante distantes e diversas das que conhecemos na cidade de São Paulo. Percurso que nos antecede, pois cada localidade tem sua história antes de nos buscar e que, pretendemos, continue depois sem nossa presença, afinal, trabalhamos provocando os grupos para que questionem seu desejo de virem a se organizar como um pólo de referência sobre a psicanálise em seus territórios.

Muito além de entendermos, por meio do deslocamento geográfico, o esforço que demanda sustentar uma formação contínua de analistas que residem distantes de uma metrópole, o mergulho nestas realidades também nos convida a conhecer aquela paisagem, aquele clima, aquela realidade específica. Conhecer e sermos afetados. Isso amplia nossa visão do ponto de vista ético, geográfico, político e clínico.

E, em tempos de reposicionamentos necessários e ações decoloniais, é impossível não refletirmos também sobre que perspectiva somos recebidos; quantas idealizações e, talvez, estigmatizações, recebemos e comportamos, vindos de São Paulo, vulgo *a Europa brasileira*?

O contato presencial com cada um dos analistas em formação entre si, com o coordenador do seminário e com o grupo que se compõe, incrementa as transferências e os intercâmbios, a tal ponto que consideramos o grupo como um

quarto pilar da formação. Tal consideração implica ao coordenador uma tarefa a mais: estar atento e manejar - dentro do possível - os movimentos grupais; inclusive os movimentos que antecederam seu tempo de acompanhamento do grupo e aos movimentos que seguirão após seu término, pois o grupo se mantém por um percurso bem mais longo que a presença de um coordenador na localidade; algo que consideramos essencial, pois a *passagem do bastão* entre os coordenadores nos é muito cara, uma vez que busca promover a circulação de saberes e de transferências.

O compartilhamento da singularidade da experiência de cada coordenador, quando narrada em nossas reuniões, não só tece uma rede de sustentação, como constrói a história de cada localidade com o GTEP, inscrevendo o vivido.

Mesmo que conheçamos os grupos por meio dessas narrativas, o inesperado do encontro com o território e com cada grupo demanda tempo de aclimação e reconhecimento. Dos encontros mensais e da imersão do coordenador que vai a campo, faz parte o que se transmite, por vezes, no não percebido, não identificado e não nomeado. O tempo trabalha, em nós, silenciosamente.

Pois bem, com a pandemia a ida ao território se mostrou impedida e impossibilitada. Em 2020 e 2021 só aconteceram seminários na modalidade *online*. Desde 2022 a maioria voltou a ser fisicamente presencial, ainda que alguns poucos grupos tenham seguido *online* por um tempo.

Sabemos o valor da possibilidade do trabalho *online*: os grupos, em sua maioria, reconheciam a importância de seguirmos juntos. Os encontros *online* permitiram conexões e trocas, supervisões e construção de pensamento. Fomos criativos o suficiente para inventarmos tentativas de *coffee breaks* compartilhados virtualmente, e ouvimos, não poucas vezes, a força vital que estes encontros continham, inclusive porque acolhemos mutuamente as angústias, perdas e lutos que vivíamos.

Além disso, pessoas distantes entre si geograficamente se juntaram com facilidade a nós; tivemos, também, maior flexibilidade nos horários e periodicidade dos encontros, quando suprimido o deslocamento. E conseguimos nos preservar e preservar os próximos, com o famoso “fique em casa”.

As reuniões do GTEP - gerais e de retaguarda - que também aconteceram no formato *online* desde o início de 2020, cumpriram suas funções, inclusive a de suporte para a sustentação de nosso trabalho.

Somos gratas à existência da Internet!

Porém, obviamente, se ela permitiu que os seminários continuassem acontecendo, também trouxe dificuldades.

Diferentes regiões do Brasil tiveram diferentes modos de lidar com a pandemia e com o pandemônio; com o vírus e com o verme. Os posicionamentos ético-políticos ficaram evidenciados nos estranhamentos e reconhecimentos mútuos sobre temas

diversos: o uso de máscaras, a manutenção do isolamento, o respeito à alteridade, às vacinas, enfim, identificações ou desidentificações, simpatias e antipatias entre nós.

Entendemos que os ganhos e perdas foram relativos a como cada região - e cada grupo - viveu esse momento, e como isso afetou nossas relações (no durante e no depois).

A dimensão ético-política é indissociável da forma de pensar, praticar e transmitir a psicanálise. Assim sendo, as dissemelhanças evidenciadas afetaram inevitavelmente os investimentos e desinvestimentos em algumas de nossas relações.

O instantâneo da conexão e a unidimensionalidade da imagem na tela do *zoom* suprimiram o tempo de aclimatação e percepção das nuances em questão, dificultando a leitura dos movimentos grupais.

E, ainda, a perda da mobilidade, e a conseqüente distância geográfica imposta, retirou-nos a possibilidade de estarmos imersos no território, observando de perto, por exemplo, as reações pessoais e grupais frente aos acontecimentos.

Trabalhar com a transmissão da psicanálise *online* tirou-nos o olho no olho, os momentos informais das chegadas e despedidas, as conversas no almoço e nos intervalos. A esse afastamento, juntou-se a pragmatização das interações - característica conhecida na modalidade *online* de trabalho; em alguns casos essas mudanças talvez tenham superficializado os vínculos e trazido fragilidade aos laços transferenciais; entretanto, em outros casos, elas contribuíram para o aprofundamento do desejo de conexão e perenidade.

Como já dissemos, a formação do psicanalista é um processo complexo que envolve uma série de etapas e desafios. No texto “Os analistas *fast-food* versus ‘o meu reino não é deste mundo’”, de Rinaldo Voltolini³, um dos aspectos discutidos é que a formação do psicanalista tem sido cada vez mais influenciada por uma cultura *fast-food*, que valoriza a rapidez e a eficiência em detrimento da profundidade e da complexidade. O autor coloca que isso tem levado a uma simplificação excessiva da teoria psicanalítica e à conseqüente perda de suas dimensões éticas e políticas.

É fundamental que possamos incluir estes elementos ao refletir sobre os efeitos da pandemia - e do pós pandêmico - na transmissão da psicanálise, e que pensemos sobre a contribuição da internet para este fenômeno. A grande oferta de *lives* e cursos expandiu o lugar da psicanálise na sociedade, tanto para aqueles que já a conheciam, como para os que, antes, não tinham acesso a ela. Vimos, contudo, não poucas destas ofertas corresponderem a esse modelo *fast-food*, no qual, como diz Voltolini, “vale mais satisfazer o paladar do que ganhar com o valor nutricional”.

A proliferação destas ofertas de consumo rápido parece contribuir para a falsa impressão, em pessoas que se interessam pelo tema, de que seria possível se

tornar psicanalista a partir da posição passiva: ler textos, assistir aulas e absorver os conteúdos; aliás, essa é uma questão com o qual lidamos - e nos coloca a trabalhar buscando mobilizar criticidade - independente da modalidade de transmissão; porém, como desafio atual, soma-se a esse pedido - de permanecer na posição passiva - a busca por resultados imediatos e garantidos, comprovados por meio de certificados. Oferta e demanda formando um par complementar numa lógica neoliberal.

Reconhecemos que esses cursos rápidos que se oferecem como uma formação psicanalítica simplificada não correspondem ao que compreendemos e defendemos neste Departamento enquanto algo da ordem da ética psicanalítica. Sem o tempo do trabalho de elaborar e construir espaços para o vir a ser, uma transmissão se resumiria a uma repetição de jargões que transformam a psicanálise numa teoria engessada e óbvia.

Tornar-se um analista em formação exige, de partida, deixar para trás a posição de aluno passivo e assumir desejosamente a condução ética de seu percurso.

Nossa ética se baseia no tripé: análise pessoal, estudo teórico, supervisão e mais um - o grupo de psicanalistas que se reconhecem e produzem este fazer juntos. Poderíamos falar também num tripé mais dois, incluindo, além do grupo, a escrita.

A análise pessoal, não como um ritual, tampouco como mercadoria, mas sim como um encontro com o próprio inconsciente e seus efeitos.

O estudo teórico como o estudo de conceitos metapsicológicos, essenciais para o fazer teórico e clínico. Um estudo construído a muitas mãos e muitos pensamentos; que comporte o tempo de reflexão, questionamento, elaboração, internalização e transmissão.

A supervisão como um espaço terceiro que, para além de pensar o caso, convoque o analista em formação para atentar sobre possíveis obstruções em sua escuta, já que, sempre há algo do narcisismo que nos impede o analisar.

Um exercício grupal que produza trocas, com e entre pares que não estejam interessados em verdades, mas em construção de saberes que possam ser revistos e compartilhados, já que não há uma verdade única, mas saberes em constante construção e todo o não saber. Não buscamos entender o outro a princípio, mas escutá-lo.

A escrita como um caminho para o auto-reconhecimento do que foi compreendido, internalizado e do que permanece não sabido. Escrever para se debater criticamente com a metapsicologia, para processar restos transferenciais que nos assolam; escrever como “aposta na linguagem e em seus recursos para transmitir”, como bem coloca Rubia Delorenzo⁴.

Um percurso formativo no qual a clínica seja compartilhada através dos coletivos de analistas, nos espaços de supervisão, nas possibilidades de transmissão falada, escrita etc. pois, como já dissemos no *Entretantos* de 2014: “nossa experiência

aponta que um analista requer a escuta de outros para trabalhar seus pontos cegos, para manter sua movência, seu trabalho psíquico, sua possibilidade de jogo..., onde o não saber possa ter lugar, como numa análise”.

Conta a lenda que em 1910, quando chegava aos Estados Unidos para proferir suas conferências - as famosas *Cinco Lições* - , Freud, ao avistar o porto de Nova York e sua estátua da liberdade, teria dito aos amigos que o acompanhavam: “*Eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste*”.

Esta lenda foi criada a partir de uma fala de Lacan, em 1955, ainda que ele mesmo afirme não ter certeza sobre essa declaração. A questão que destacamos é que - como coloca Sonia Leite⁵ -, ainda que o *dito* não tenha *sido dito*, ele retrata a marca que a psicanálise carrega desde suas origens: “traço subversivo, veneno que introduz mudanças na posição subjetiva de quem a inocula”.

A autora destaca, porém, que Lacan acredita que Freud teria se enganado ao acreditar que a psicanálise seria uma espécie de revolução para a América. Muito pelo contrário, a América é que a devorou, aproximando-a de seu estilo de vida, marcado pelo consumismo e padronização social. Sonia Leite aponta para os riscos da psicanálise expandir-se pandemicamente como uma prática de adaptação e normalização social.

Compartilhamos de tal preocupação e consideramos que a internet, enquanto veiculadora instantânea da cultura *fast-food*, tem papel importante nisso, favorecendo incorporações imediatas e não introjeções.

Por todos estes argumentos é que, no GTEP, sustentamos a impossibilidade de que um percurso formativo se dê, exclusivamente, no formato *online*.

Defendemos uma transmissão que não apenas ensine sobre o inconsciente, mas que permita seu acontecer. E, sobretudo, uma transmissão que convoque a todos os sujeitos envolvidos nesta história para uma posição ativa. Posição implicada e afetada. Afinal, como dizia a querida Leonor Rufino, “é o nosso *corpitcho* que está na reta”; seja a cada encontro clínico, seja na experiência de transmissão/formação. Corpos hospedeiros, que levam teoria e clínica encarnadas. A internet nos protegeu do *vírus*, por vezes combateu e muitas outras alimentou o *verme*, mas não podemos deixá-la nos afastar da peste.

¹ Psicanalistas, membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrantes do GTEP.

² Schnaiderman, Regina. (1988) “Política de formação em psicanálise: alinhando algumas anotações de leitura” In: Revista Percurso número 1, ano I, 2o semestre 1988.

³ Voltolini, Rinaldo. (2023) “Os analistas fast-food versus ‘o meu reino não é deste mundo’” - In: *A formação do analista e os princípios de seu poder: cenas do impossível!* Enzo Pizzimenti (org.) - São Leopoldo, RS : Editora Discurso.

⁴ Delorenzo, Rubia. (2007). “Da clínica: duas observações” - In *Neurose obsessiva!* Rubia Delorenzo - São Paulo: Casa do Psicólogo.

⁵ Leite, Sonia. (2020). “A Peste: breves reflexões sobre psicanálise, arte e cultura” - Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental - São Paulo.